



Diásporas Descolonizantes e Relações Afro-Atlânticas: O Caso para Estudos Caribenhos Afro-Latinx & da Guiné Equatorial

Yomaira C. Figueroa-Vásquez¹

Tradução: Hasani Elioterio dos Santos²

Revisão técnica: Fernanda Silva e Sousa³

Supervisão técnica geral: Fulvio Cesar Garcia-Severino⁴

Resumo: O texto mapeia produções literárias da diáspora afro-caribenha e mostra as conexões e relacionalidades no Afro-Atlântico, trazendo para a cena do debate uma discussão densa sobre colonialidade, diáspora, feminismos, descolonização, literatura. A relacionalidade, como apreciada neste ensaio, é uma noção chave para pensar o cruzamento e a poética de experiências, vozes e gerações que agora testemunham as histórias vivas que são afetadas por travessias contemporâneas. A autora argumenta que a decolonialidade e a relacionalidade como metodologias iluminam perspectivas periféricas, revelam o emaranhado de conexões históricas, materiais e afetivas obscurecidas pelas narrativas dominantes. Decorre dessa perspectiva seu engajamento com a estética e a poética da literatura de escritoras da diáspora afro-atlântica hispanófono.

1 Department of English - Michigan State University - EUA - yomairaf@msu.edu

2 Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFSCar) - São Carlos - Brasil - hasanisantos@gmail.com

3 Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP) - São Paulo - Brasil - fernandasilva.esousa@gmail.com

4 Programa de Pós-Graduação em Educação (UFSCar) - São Carlos - Brasil - fulvioosgar@gmail.com

Palavras-Chave: relacionalidade; descolonização; poética literária; perspectivas periféricas; diáspora afro-caribenha.

Decolonizing Diasporas and Afro-Atlantic Relations: The Case for Afro-Latinx Caribbean & Equatoguinean Studies

Abstract: *The text maps literary productions from the Afro-Caribbean diaspora and shows the connections and relationalities in Afro-Atlantic, bringing to the scene of the debate a dense discussion about coloniality, diaspora, feminisms, decolonization, literature. Relationality, as she appreciates in this essay, is a key notion for thinking about the intersection and poetics of experiences, voices and generations that now witness the living stories that are affected by contemporary crossings. The author argues that decoloniality and relationality as methodologies illuminate peripheral perspectives, reveal the tangle of historical, material, and affective connections obscured by the dominant narratives. It stems from this perspective, its engagement with the aesthetics and poetics of the literature of writers from the Spanish-speaking Afro-Atlantic diaspora.*

Keywords: *relationality; decolonizing; literary poetics; peripheral perspectives; Afro-Caribbean diaspora.*

Isso, portanto, é a mensagem existencial da Travessia – apreender como ela pode nos instruir na tarefa urgente de configuração de novas formas de ser e de conhecer e de traçar diferentes metafísicas que são necessárias para deixar de viver a alteridade baseada na diferença para viver a intersubjetividade baseada em relacionalidade e solidariedade (Alexander, 2006).

Errância: Relação, Descolonização e Feminismos de Mulheres de Cor

Em seu livro divisor de águas, *Poetics of Relation*, Glissant traça as possibilidades de uma relacionalidade, começando com a Passagem do Meio e as intermináveis travessias no Atlântico que criaram o abismo do navio negreiro (“a barriga do barco”), o abismo do oceano (“profundidades do mar”) e o abismo do desconhecido (“bordas de um não mundo”) (Glissant, 1997: 05-07). A escravização, “uma degradação mais eterna do que o apocalipse”, é apenas o começo das relações e Glissant, apropriadamente, situa o Caribe como um local a partir do qual se examinam as formas múltiplas e sobrepostas pelas quais a

modernidade conecta e desconecta povos *através do mundo*⁵ (Glissant, 1997: 06). John Drabinski argumenta que, no interior do trabalho de Glissant, “o Caribe é simultaneamente local – hemisfério, especificamente histórico, particular em suas memórias – e global –, as encruzilhadas do mundo, desde o começo” (Drabinski, 2019: ix). Assim, pensar com e *através do Caribe* e *através do mar* como metáfora e história material possibilita Glissant desenvolver ainda mais o pensamento rizomático para seguir errantemente, para marcar a impotência da totalidade e, em contraposição, para mapear como a identidade é “estendida no relacionamento com o ‘Outro’” (Glissant, 1997: 11). Para Glissant, os efeitos do abismo são geracionais e a experiência dele “se torna algo compartilhado e que faz de nós, os descendentes, um povo entre outros”. Viver nas lacunas do abismo e suas consequências requer formas de avaliação. Para Glissant, a poesia e a poética tornam-se tecnologias que testemunham, pela própria experiência, os terrores a que nossos ancestrais resistiram e que são uma forma estética de aproximar as consequências do tráfico transatlântico de escravizados, as sobrevividas da escravidão e da expropriação e os fenômenos desconhecidos que nós ainda vivemos e compartilhamos. Relações são, portanto, políticas e requerem, ao mesmo tempo, o enfrentamento da *longue durée* de nossas histórias e uma prática comprometida em ver tanto as relações quanto as disjunções *através do Afro-Atlântico e do mundo*.

Para mulheres feministas de cor desde a década de 1970, incluindo o coletivo Combahee River, Audre Lorde, Gloria Anzaldúa, Cherrie Moraga, Angela Jorge e M. Jacqui Alexander, a relacionalidade tornou-se um método de organização política e uma prática para tornar possíveis relações políticas e poéticas que *atravessam* as diferenças raciais, étnicas, sexuais e de classe. A chave aqui é como suas abordagens para agregar a diferença permitem “configurar novos modos de ser” não fundados em uma individualidade radical ou em categorias hierárquicas de diferença, as quais são precondições para os enquadramentos capitalistas modernos/coloniais (Alexander, 2005: 07). A prática intersubjetiva de aprender as histórias conjuntas de migração, de trabalho e de lutas pessoais e políticas tornou-se uma ferramenta estratégica de organização contra as estruturas cis-heterossexistas e racistas que destruíam as vidas e os meios de subsistência de mulheres de cor, suas famílias e comunidades. Para Alexander,

5 Optamos por “através de” nesse caso, porque a autora utiliza o termo “across”, em inglês. Em outros trechos do artigo, embora ficasse melhor, em português, o uso de “por meio de”, “a partir de” ou outras possibilidades, optamos sempre por “através de”. A autora, originalmente, usa dois termos, “through” e “across”. Entendemos que “across” se alinha ao conceito de Crossing, traduzido aqui por Travessia. Sempre que “através de” for traduzido a partir de “across” estará destacado em itálico. (N. do supervisor).

relações são construídas no que ela chama de *Crossing – a Middle Passage*⁶, entrecruzamentos de impérios e as gerações que agora experienciam as histórias vivas que são afetadas por travessias contemporâneas. Essa formulação de relacionalidade como arquivos corporificados de conhecimento e como formas de solidariedade política levaria ao que Alexander chama de “confrontação com história” ela mesma (Alexander, 2005: 274). Semelhantemente, as feministas decoloniais têm procurado pensar a partir e além das formas de hierarquias coloniais do humano, que “fragmentam as pessoas categoricamente” para, em vez disso, encontrar modos de se engajar com a diferença e de encontrar o que Maria Lugones chama de “possíveis companhias na resistência” (Lugones, 2003: 11). Curiosamente, embora semelhantes em cosmovisões, as *abordagens glissantianas* e as do feminismo de mulheres de cor sobre a relacionalidade são frequentemente encontradas em campos de investigação separados⁷. A construção de teorias caribenhas da relação, teorização e organização política de feministas de cor (muitas das quais têm herança caribenha), oferece imperativos decoloniais que podem moldar abordagens metodológicas e práticas para pensar as complexidades das travessias Afro-atlânticas⁸. Dito de outra forma, eu examino como as teorias da relacionalidade e os feminismos decoloniais oferecem ferramentas conceituais e filosóficas que permitem um remapeamento radical das relações *através do* Afro-Atlântico. Usar essas contribuições políticas e intelectuais como teoria e método permite um projeto que envolve algumas das obras mais periféricas que surgem nas travessias caribenhas, africanas

6 Termo em inglês usado para designar o tráfico transatlântico de escravos.

7 Enquanto as escritoras de cor têm uma política e prática de citar e cuidar das contribuições materiais dos trabalhos umas das outras, não há uma prática robusta de citação entre as diferentes genealogias do conceito de relacionalidade, ou seja, Glissant não cita trabalhos de mulheres de cor feministas sobre relacionalidade na *Poética da Relação* e ele não aparece na maior parte das reflexões e meditações sobre relacionalidade nos anos pós-1990.

8 A relacionalidade como conceito, metodologia e abordagem para a organização política criativa e estratégica também tem sido central para o trabalho de acadêmicos indígenas e, em particular, de feminismos indígenas. Embora eu não possa expandir esses trabalhos aqui, os pensadores citados a seguir ajudaram a moldar a ética com a qual abordo o pensamento sobre relacionalidade, descolonização e relacionalidade, particularmente como um sujeito colonial diaspórico vivendo em um Estado-nação colonial colonizador. Por favor, veja: TUCK, Eve e MCKENZIE, Marcia. Relational Validity and the “Where” of Inquiry: Place and Land in Qualitative Research. *Qualitative Inquiry*, v. 21, n. 7, 2015, pp. 633-638; Leanne Betasamosake Simpson, *Islands of decolonial love: Stories & songs*. ARP Books (Arbeiter Ring Publishing), 2013; Leanne Betasamosake Simpson, “An Indigenous View On #BlackLivesMatter.” *Yes! Magazine* (2014); Dory Nason, “We Hold our Hands Up: On Indigenous Women’s Love and Resistance.” *Decolonization: Indigeneity, Education & Society* (2013); *Wendy Rose, Going to War With All My Relations: New and Selected Poems*. Northland Pub, 1993. Da mesma forma, as reflexões de Frantz Fanon sobre racialização, condições coloniais e descolonização necessariamente informam conceitos e discursos de relacionalidade.

e transatlânticas. Eu chamo atenção, especificamente, para as longas histórias de relação e de imaginários literários interconectados que existem *atravessando* Porto Rico, Cuba, República Dominicana e a Guiné Equatorial, o único Estado-nação de língua espanhola na África subsaariana, e suas diásporas.

Partindo do pressuposto de que pensar desde as afro-diásporas - e, especificamente afro-atlânticas, - requer encarar e enfrentar as histórias sobrepostas de expropriação, as migrações forçadas e voluntárias, a escravidão, a colonização e as realidades pós-coloniais, nós devemos ser capazes de lidar com a incomensurabilidade⁹. Ao assinalar o termo incomensurabilidade, eu o desenvolvo com base no trabalho de Eve Tuck, K. Wayne Yang e Keith Feldman enquanto articulo como os problemas endêmicos e as formas históricas e contínuas do colonialismo exigem que enfrentemos as “sobreposições que não podem ser representadas, que não podem ser resolvidas” e reconheçamos o frequente processo irreconciliável da história, linguagem, expropriação, experiências e o produto estético e sociocultural que *atravessa* locais diferentes na diáspora africana¹⁰. Incomensurabilidade é também uma forma de rastrear como as nossas abordagens teóricas e práticas funcionam para escavar as relações e compreender que os valores compartilhados “tanto obscurecem quanto iluminam” (Feldman, 2016: 108). A atenção para a incomensurabilidade na forma de histórias não fixas e de migrações e de diferenças sociais, culturais e linguísticas é um componente central para o trabalho feminista de mulheres de cor. Nós podemos pensar sobre os modos como elas usufruem da relacionalidade no contexto de suas organizações políticas, aprendendo com as histórias umas das outras, criando espaços para se reunirem e compartilharem similaridades e diferenças e para se organizarem contra opressões, compreendidas como “firmemente interligadas”¹¹ pelo coletivo Combahee River¹². Esse engajamento com o pensamento caribenho, mulheres feministas de cor e de pensadoras decoloniais oferece uma visão de palimpsesto da relacionalidade capaz de lançar luz em

9 Para obter mais informações sobre incomensurabilidade, consulte: FELDMAN, Keith P. On Relationality, On Blackness; A Listening Post. *Comparative Literature*, v. 68, n. 2, 2016, pp. 107-115, p. 108.

10 Gostaria de chamar a atenção para como autores(as) produtivamente postulam “justiça social” e “descolonização” como objetivos incomensuráveis, e o reconhecimento desses conjuntos irreconciliáveis de demandas pode abrir um espaço para formas produtivas de organizar e “reduzir a frustração das tentativas de solidariedade”. Ver mais em: TUCK, Eve and YANG, K. Wayne. Decolonization is Not a Metaphor. *Decolonization: Indigeneity, Education & Society*, v. 1, n. 1, 2012.

11 A autora usa o termo “interlocking”, que indica mais do que interligadas, mas firmemente conectadas (N. do revisor/Fulvio).

12 Combahee River Collective. The Combahee River Collective Statement. *Home girls: A Black feminist anthology*, v. 264, 1983.

projetos de estudos culturais e literários relacionais afro-atlânticos. Esta é também uma metodologia semelhante ao conceito glissantiano de errância (*errantry*), uma sucessão das raízes e rotas (*roots and routes*) da Travessia (*Crossing*) e suas vidas pós-morte.

Com base nos estudos da história, teoria, feminismos e diáspora caribenhos, eu concebo a relacionalidade como uma metodologia descolonizadora que permite a ligação crítica com comunidades diaspóricas e exílicas que surgem do Afro-Atlântico hispanófono¹³. Relacionalidade e decolonialidade são abordagens teóricas e políticas que levam em consideração a *longue durée* das histórias coloniais de escravização e expropriação, chamam a atenção para estruturas de opressão e violência remanescentes e centralizam as vozes, conhecimentos e histórias de pessoas frequentemente ignoradas. Esse enquadramento é particularmente útil para projetos que tencionam marcar relações, em vez de se interessar em comparatividade com potencial de “delimitar com antecedência os termos de endereçamento para práticas e conhecimentos subalternos” (Feldman, 2016: 110). Por exemplo, baseado nos estudos feministas negros e no trabalho de Alexander Weheliye, Feldman argumenta que a relacionalidade é um conceito crítico e uma abordagem que

emerge, em parte, como uma forma de explicar descritiva e analiticamente as conexões, as ligações e as articulações que atravessam a institucionalização da diferença nas disciplinas e nas cartografias do Estado-nação a que fazem referência. Tanto visão como ação, as interconexões reveladas por uma metodologia relacional são de outra forma escondidas e enterradas pelo enquadramento moderno do Estado-nação, pela escala e escopo das agendas de pesquisa, pelas disciplinas e interdisciplinas que se baseiam em genealogias de comparação em si mesmas (Feldman, 2016: 110).

A relacionalidade, como um imperativo feminista decolonial, oferece estratégias discursivas para se envolver em histórias e conhecimentos compartilhados para, produtivamente, discutir a incomensurabilidade e as ligações e para centralizar as lutas e resistências insurgentes oficializadas diariamente nas comunidades mais afetadas pelas formas contínuas de colonialismo e opressões.

A literatura é uma das formas pelas quais nós chegamos a compreender as experiências humanistas e aprender sobre as histórias de luta e de resistência frequentemente não contadas. Estudar as produções literárias e culturais da

13 Ver mais em: FIGUEROA, Yomaira C. *Decolonizing Diasporas: Radical Mappings of Afro-Atlantic Literature*. Northwestern University Press, 2020.

diáspora afro-latina caribenha, nos Estados Unidos, em relação com as produções diaspóricas e exílicas de guiné-equatorianas(os), na Espanha, permite-nos examinar os aspectos ainda pouco compreendidos dos estudos diaspóricos, caribenhos e africanos. Por exemplo, esse método relacional pode nos ajudar a traçar como as histórias interseccionais e palimpsésticas dessas diásporas corroboram constituir um *corpus* literário voltado para possibilidades de descolonização e libertação. Eu proponho que esse modelo de relacionalidade que conecta as diásporas materiais e estéticas da África hispanófono e do Caribe latino permite-nos sobremaneira “descobrir, revelar, dessedimentar, desvelar e escavar” e “leva-nos a prestar contas do emaranhamento e de sua ofuscação ou sepultamento” (Feldman, 2016: 111). Assim, se a decolonialidade abrange o que Nelson Maldonado-Torres argumenta ser um “processo de desfazer a realidade colonial e suas múltiplas hierarquias de poder como um todo”, então, a relacionalidade como método é uma forma de revelar o emaranhado de conexões históricas, materiais e afetivas que seriam, caso contrário, obscurecidas pelas narrativas dominantes, truncadas e a-históricas (Maldonado-Torres, 2017: 127-143)¹⁴.

Decolonialidade e relacionalidade como metodologias tencionam iluminar perspectivas periféricas. Mapear sobreposições diaspóricas e des/locações exílicas requer um engajamento ético com experiências subjetivas, formas de autodeterminação e forças criativas que surgem desses espaços frequentemente ignorados¹⁵. A descolonização é uma prática corporificada, da mesma forma, um projeto político e intelectual. Por exemplo, Maldonado-Torres (2012: 200) argumenta que projetos descolonizantes são “fundamentados em histórias, experiências vividas e imperativos ético-políticos de pessoas colonizadas, assim como em seus desejos por uma interrelacionalidade humana, abertos em níveis íntimos, eróticos e públicos”, enquanto Laura E. Perez (2010: 123) argumenta que “políticas descolonizantes devem introduzir, envolver e circular noções

14 MALDONADO-TORRES, Nelson, *The Decolonial Turn* (Translated by Robert Cavooris). In: *New Approaches to Latin American Studies*, p. 127-143. Routledge, 2017. Michel-Rolph Trouillot é particularmente generativo quando se pensa sobre o que é ofuscado e o que é revelado nas histórias da modernidade e do Caribe. Ele argumenta que: “[...] o passado não existe independentemente do presente. Na verdade, o passado somente é passado porque há um presente”. In: TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silencing the past: Power and the production of history*. Beacon Press, 1995, p. 15.

15 Eu seria negligente se não mencionasse o trabalho fundamental de Brinda Mehta ao invocar o termo “des/localização diaspórica”. Embora eu não envolva o indo-caribenho em meu trabalho, o desenho de Mehta de como as escritoras indo-caribenhas re/imaginam a sexualidade feminina, o trabalho e a resistência por meio da literatura, da história e de práticas cotidianas é um excelente exemplo de como rastrear a subjetividade por meio de histórias emaranhadas de migrações, diásporas e múltiplas formas de deslocamento. Ver: MEHTA, Brinda J. *Diasporic (dis)locations: Indo-Caribbean women writers negotiate the Kala Pani*. University of West Indies Press, 2004.

anteriormente invisíveis, marginalizadas e estigmatizadas de ‘espiritualidade’, ‘filosofia’, ‘gênero’, ‘sexualidade’, ‘arte’ ou qualquer outra categoria de conhecimento e existência”¹⁶. Esses imperativos decoloniais e feministas rejeitam fundamentalmente a desumanização embutida nas várias estruturas do projeto colonial desde o século XV e confronta a diferença colonial, que é a criação de um sistema que transforma a diferença em hierarquias e, em contraposição, oferece novas formas de reimaginar o humano e uma nova ética para os relacionamentos *através de* um espectro de vida.¹⁷ Ao focar na poética literária, participo do projeto transformador de Sylvia Wynter de subverter a super-representação do Homem como humano e transformar as ciências humanas por meio de uma nova heresia. Em seu ensaio inovador “The Ceremony Must be Found After Humanism”, Wynter (1984: 45) postula que são as humanidades literárias que “devem ser um guarda-chuva para a realização transdisciplinar de uma ciência dos sistemas humanos”. Portanto, para Wynter, a poética da literatura e o *studia humanitatis* são cruciais para o projeto de remapear radicalmente o humano.¹⁸

Meu engajamento com a poética literária de escritoras(es) da diáspora e do exílio afro-latino e afro-hispânico é sustentado pelo pensamento decolonial e feminista de mulheres de cor. Esses trabalhos podem nos ajudar a pensar por intermédio da complexidade da relacionalidade em geral e em contextos afro-atlânticos especificamente, porque os trabalhos – políticos, pessoais e poéticos – dessas mulheres de cor deixaram claro as apostas e as dificuldades de se trabalhar na relação com outros povos oprimidos. Por exemplo, em *Pedagogies of Crossing*, Alexander (2005: 07-08) nos desafia a continuar o difícil trabalho da relação *através da* diferença para apreender como ela pode nos instruir na “tarefa urgente de configurar novas formas de ser e saber e traçar as diferentes metafísicas que são necessárias para transitar de uma forma de viver a alteridade

16 MALDONADO-TORRES, Nelson. Epistemology, ethics, and the time/space of decolonization: Perspectives from the Caribbean and the Latina(o) Americas. *Decolonizing Epistemologies*, 2012, p. 200; PÉREZ, Laura E. Enrique Dussel’s Ética de la liberación, US Women of Color Decolonizing Practices, and Coalitional Politics amidst Difference. *Qui Parle: Critical Humanities and Social Sciences*, v. 18, n. 2, 2010, p. 123.

17 Quando estou falando sobre relações além do humano, estou me referindo à nossa interdependência ética com animais não humanos, ecologia e meio ambiente, cosmologias que incluem a presença de ancestrais e outras formas de relações que estão além do escopo da lógica colonial. Para mais informações sobre diferença colonial, ver: MIGNOLO, Walter D. *Local histories/global designs: Coloniality, subaltern knowledges, and border thinking*. Princeton University Press, 2012.

18 Embora Wynter não se identifique como uma pensadora feminista, seu projeto está criticamente alinhado com o trabalho feminista decolonial e de mulheres de cor. Eu assumi essa linha de crítica em um capítulo de um livro em coautoria: MÉNDEZ, Xhercis and FIGUEROA, Yomaira. Not Your Papa’s Wynter: Women of Color Contributions toward Decolonial Futures. In: *Beyond the Doctrine of Man: Decolonial Visions of the Human*, edited by Joseph Drexler-Dreis and Kristien Justaert. New York, Fordham University Press, 2019.

com base na diferença para viver a intersubjetividade fundada na relacionalidade e solidariedade”. Além disso, Alexander chama a atenção para a necessidade de relacionamentos entre mulheres negras *através da* diáspora quando ela pergunta: “Que tipos de conversas nós, mulheres negras da diáspora, precisamos ter para acabar com esses ‘erros desperdiçados de reconhecimento?’” (Alexander, 2005: 274).

Da mesma forma, a centralização dos modos nos quais essas des/locações diaspóricas subvertem e resistem à modernidade e à colonialidade a partir das suas produções poéticas e culturais faz parte da investigação estética da virada decolonial. Cunhada por Maldonado-Torres (2017: 112), a virada decolonial refere-se a “um reposicionamento epistêmico, prático, estético, emocional e algumas vezes espiritual do sujeito moderno/colonial em virtude de a modernidade, e não o sujeito colonizado, [...] aparecer como um problema”. Ao imaginar e produzir novas visões de mundo perturbadoras e lógicas da modernidade/colonialidade, a virada decolonial “põe a modernidade em questão e considera o colonizado como [...] uma fonte de investigação de problemas criados pela modernidade e de formas que podem responder adequadamente a esses problemas” (Maldonado-Torres, 2017: 112). Um aspecto fundamental da virada decolonial é a atitude decolonial, uma disposição subjetiva para o conhecimento que exige uma ética que considere seriamente as contribuições, as práticas, os conhecimentos e as experiências de quem foi sistematicamente oprimido, destituído de direitos e silenciado¹⁹. Em meus trabalhos, assumo uma atitude decolonial quando eu olho para o imaginário como uma fonte de possibilidade e como um lugar de conhecimento e de resistência. Considerar seriamente essas obras periféricas permite um exame atento de como as relações que *atravessam* os sujeitos da diáspora afro-atlântica hispanófono possibilitam mapear formas de resistência para o projeto ocidental inacabado de modernidade e de colonialidade.

Implicações: Pensando/ Fazendo a travessia Afro-Atlântico

Pensar com fundamento na posição do mundo afro-atlântico hispanófono oferece a oportunidade de ligar criticamente a poética literária e as produções culturais emergentes de escritoras(es) e artistas diaspóricos e exílicos afro-portorriquenhas(os), afro-dominicanas(os), afro-cubanas(os) e guiné-equatorianas(os) (Figueroa, 2020). Com essa metodologia de decolonialidade e relacionalidade, procuro traçar o longo relacionamento histórico, literário, linguístico e cultural

19 Ver mais em: MALDONADO-TORRES, Nelson. Reconciliation as a contested future: Decolonization as project or beyond the paradigm of war. *Reconciliation: Nations and Churches in Latin America*, 2006, pp. 225-245.

entre sujeitos frequentemente periféricos do afro-atlântico hispanófono. Por exemplo, o Caribe hispanófono e a Guiné Equatorial compartilham histórias coloniais sob domínio do império espanhol que incluem as travessias [*crossings*] históricas do século XIX, como a colônia penal africana do Atlântico para agitadores anticoloniais cubanos (e alguns Porto Riquenhos e Filipinos), na ilha de Fernando Po (agora chamada de Bioko),²⁰ na Guiné Equatorial. Há também uma história mais longa de *emancipadas(os)*²¹ ou escravizadas(os) cubanas(os) emancipados que foram trazidas(os) voluntariamente (no entanto, mais frequentemente deportados) para Fernando Po, desde os anos 1840 até os 1860. O mais revelador, no entanto, é como a derrota da Espanha na Guerra Espanhola Americana e a renúncia definitiva de suas últimas colônias no Caribe e no Pacífico em 1898 (Cuba, Porto Rico, Guam e as Filipinas) levaram essa nação a reafirmar seu domínio imperial em sua negligenciada colônia subsaariana, a Guiné Espanhola (atualmente Guiné Equatorial)²². Além de compartilhar um idioma oficial, o Caribe hispanófono e a Guiné Equatorial compartilham histórias de lutas anticoloniais e revolucionárias, ocupações e controle ditatorial pós-colonial.

A Guiné Equatorial é composta por cinco ilhas e uma faixa continental, e a maioria desses territórios eram locais de exploração colonial, expropriação, negligência no mercado e resistência colonial até a sua descolonização administrativa em 1968. Quando a Guiné Equatorial conquistou sua independência da Espanha, houve uma transição efetiva do fascismo para a ditadura. O primeiro presidente eleito democraticamente, Francisco Macias Nguema, se autodeclarou presidente vitalício em 1972 e foi deposto em um *coup d'Etat* orquestrado por seu sobrinho, Teodoro Obiang Nguema Mbasogo, em 1979. Ainda no poder, Obiang é o chefe de Estado mais antigo no continente africano. Desde a descoberta de reservas de petróleo nos anos 1990, a Guiné Equatorial se tornou uma das nações mais ricas no continente, apesar da corrupção e de más gestões fraudulentas terem contribuído para uma grande desigualdade de distribuição da riqueza e abusos aos direitos humanos. Essas experiências são frequentemente compartilhadas por intervenção da poética literária e da ficção devido à violência patrocinada pelo Estado e à repressão da imprensa, dos livros e da música

20 Para mais informações, ver: UGARTE, Michael. *Africans in Europe: the culture of exile and emigration from Equatorial Guinea to Spain*. University of Illinois Press, 2010.

21 *Emancipados*, no contexto da colonização espanhola da Guiné Equatorial, era uma designação colonial dos africanos que assimilavam culturalmente os valores, códigos e práticas dos colonizadores, incluindo o catolicismo (Nota de Tradução [N.T.]).

22 VIZCAYA, Benita Sampedro. Rethinking the archive and the colonial library: Equatorial Guinea. *Journal of Spanish Cultural Studies*, v. 9, n. 3, 2008, pp. 341-363.

que criticam quem está no poder. Desse modo, a literatura da Guiné Equatorial, quando lida ao lado dos escritos de resistência de afro-latinas(os) que refletem sobre a era de ocupação, a de ditadura e de Cuba, Porto Rico e República Dominicana contemporâneos e suas diásporas, revela relações *através dos* vetores do colonialismo, modernidade e colonialidade. Da mesma forma, é possível mapear como essas obras periféricas se imaginam fora dessas paisagens e estruturas de opressão e dominação por meio de imperativos decoloniais e críticas insurgentes que visam possibilidades libertadoras.

Contemporaneamente, Cuba, República Dominicana, Porto Rico e Guiné Equatorial compartilham realidades socioculturais e políticas como a migração massiva, discriminação racial e étnica e produções artísticas e culturais que refletem essas condições. Como eu examino, essas produções literárias e visuais/sônicas revelam preocupações compartilhadas, incluindo acusações às intimidades da colonialidade, engajamento na ação de testemunhar contra a opressão, enfrentamento da expropriação ou do *destierro*²³, produção de novas concepções e abordagens para reparações e imaginação de futuridades afro-atlânticas²⁴. A maior parte dessas produções literárias e culturais é escrita a partir do exílio ou da diáspora no Norte Global, especificamente nos EUA, por autoras(es) latinas(os) caribenhas(os) e, na Espanha, por autoras(es) da Guiné Equatorial, muitas vezes acenando em direção a suas ilhas e terras natais no Atlântico.

Uma vez que esses textos emergem principalmente do lócus geopolítico de antigas colônias insulares (ilhas e suas diásporas), o projeto é engajado em uma virada arquipelágica nos estudos latinos e a expande para as ilhas africanas sub-saarianas. Nesse campo emergente, o trabalho de pensadoras caribenhas como Lanny Thompson, Michelle Anne Stephens e Yolanda Martínez San Miguel mantém conversações e exames em relação com os estudos emergentes do arquipélago da Oceania, incluindo os trabalhos de Epli Hau'ofa, Craig Santos Perez e Brandy Nalani McDougall²⁵. Da mesma forma, meu projeto encontra abrigo dentro do

23 No original, a autora propositalmente utiliza algumas expressões em espanhol e destacadas em itálico, como “*destierro*” (desterro), o que decidimos preservar e respeitar na tradução [N.T.].

24 Figueroa, Y. *Decolonizing Diasporas*, 2020.

25 HAU'OFA, Epli. “Our sea of islands.” *A new Oceania: Rediscovering our sea of islands*. 1993, pp. 02-16. Yolanda Martínez-San Miguel, *Coloniality of Diasporas: Rethinking Intra-Colonial Migrations in a Pan-Caribbean Context*. (Palgrave Macmillan, 2014). Brandy Nalani McDougall, *Finding Meaning: Kaona and Contemporary Hawaiian Literature*. (University of Arizona Press, 2016). Craig Santos Perez, from *Unincorporated Territory* [hacha]. (Tinfoil, 2008). Brian Russell Roberts, and Michelle Ann Stephens, eds. *Archipelagic American Studies*. (Duke University Press, 2017). Lanny Thompson, *Imperial Archipelago: Representation and Rule in the Insular Territories under US dominion after 1898*. (University of Hawaii Press, 2010).

corpo maior de trabalhos dos estudos hispânicos dedicados à abertura de espaço para engajar o Afro-Atlântico hispanófono e suas diásporas na Espanha e além dela²⁶. Os trabalhos de Benita Sampedro, Michael Ugarte, Elisa Rizo e um quadro de jovens estudiosos, incluindo Martin Repinecz, têm aberto espaço para refletir sobre as implicações da subjetividade colonial espanhola na África Subsaariana e as contribuições da literatura guiné-equatoriana pós-independência²⁷.

Pensar na relacionalidade decolonial como métodos de análise das diásporas afro-atlânticas hispanófonas também agrega os discursos sobre decolonialidade e, em particular, contribui para o estudo da epistemologia e da subjetividade afro-diaspórica e latino-caribenha. O Caribe tem sido um lugar de pensamentos anticoloniais e decoloniais insurgentes desde sua concepção como *locus* geoeconômico de extração da modernidade. Além disso, o Caribe é fundamental para que pensadoras(es) decoloniais localizem os parâmetros temporais e espaciais da modernidade. Isso é particularmente relevante na América Latina e nos EUA, nesses lugares, há uma necessidade premente de analisar mais aprofundadamente as *movidas*²⁸ insurgentes, as rupturas e as contribuições para o pensamento decolonial que emergem no Caribe e em suas diásporas²⁹. Da mesma forma, o pensamento decolonial emergente dos contextos africanos tem sido capaz de abordar algumas das manifestações contemporâneas de colonialidade, particularmente em ditaduras pós-coloniais e em Estados coloniais³⁰. O estudo da Guiné Equatorial se beneficia dos gestos teóricos decoloniais e das abordagens diferenciadas

26 Em 2014, acadêmicos uniram esforços para estabelecer um fórum na Modern Language Association (MLA) sobre o Hispanófono Global que envolve a poética literária e as produções culturais das ex-colônias espanholas menos conhecidas, incluindo Guiné Equatorial, Filipinas e Saara Ocidental, para citar algumas. Disponível em: <mla.hcommons.org/groups/global-hispanophone/fórum>. Acesso em: 11 fev. 2021.

27 Lola Aponte and Elisa Rizo. "Guinea Ecuatorial como pregunta abierta: hacia el diálogo entre nuestras otredades." *Revista Iberoamericana* 2.48-9, 2014, pp. 745-760. Martin Repinecz *Raza or Race? Slavery and Transatlantic Family Ties in Equatorial Guinean Literature*. Forthcoming. Michael Ugarte, *Africans in Europe*, 2010. VIZCAYA, Benita Sampedro. *Engaging the Atlantic: New Routes, New Responsibilities. Bulletin of Hispanic Studies*, v. 89, n. 8, 2012, pp. 905-922.

28 Ver nota 20 [N.T.]

29 Acadêmicos(as) do Caribe Latino têm contribuído muito para o estudo de discursos sobre modernidade, colonialidade e decolonialidade. Ver mais em: Kelvin Santiago-Valles. "Race, Labor, 'Women's Proper Place', and the Birth of Nations: Notes on Historicizing the Coloniality of Power." *CR: The New Centennial Review*, v. 3, n. 3, 2003, pp. 47-69; GROSFUGUEL, Ramón. *Colonial subjects: Puerto Ricans in a global perspective*. Univ of California Press, 2003. Yolanda Martínez-San Miguel, *Coloniality of Diasporas: Rethinking Intra-Colonial Migrations in a Pan-Caribbean Context* (Springer, 2014); Agustín Lao-Montes, "Afro-Latin@ difference and the politics of decolonization." In: *Latino/as in the World-system*, pp. 81-94. (Routledge, 2015); MALDONADO-TORRES, Nelson. "Outline of ten theses on coloniality and decoloniality." Obtido na Foundation Frantz Fanon: frantzfanonfoundation-fondationfrantzfanon.com/articled2360.html (2016).

30 Ver mais em: Sabelo, J. Ndlovu-Gatsheni, *Coloniality of power in postcolonial Africa*. African Books Collective, 2013.

que emergem da África e do Caribe, especialmente por como o clima político pós-colonial opressivo na Guiné Equatorial é relacionado apenas pelos escritos de resistência e práticas emergentes de dentro do Estado-nação e de sua diáspora na Espanha. Esses trabalhos refletem esforços sustentados para erradicar as formas de colonialidade endêmicas de ditaduras, também destacam a humanidade e a dignidade de guiné-equatorianas(os) que lutam para recuperar as histórias, as práticas de linguagem e imaginar a libertação fora dos termos da colonialidade.

Examinar o Afro-Atlântico hispanófono desde o pensamento e a decolonialidade de mulheres de cor feministas abre um espaço discursivo para envolver as contribuições de populações diaspóricas discutivelmente periféricas. Meu trabalho sobre a literatura da diáspora afro-atlântica hispanófona faz da negritude racializada e da diferença étnico-racial um local primário de análises. Compreendo a racialização e o racismo como produtos da diferença colonial, sustentada pela colonialidade e pela colonização contínua, incluindo colonialismos de colonos. Eu mapeio as relações entre afro-latinas(os), caribenhas(os) e guiné-equatorianas(os) como uma forma de entender o que eu denomino de “cartografias críticas da racialização” para sujeitos afro-atlânticos hispanófonos em exílio e em diáspora. Esse enquadramento relacional nos ajuda a traçar diferentes formas de antinegritude e de diferença colonial que impregnam ex-colônias e metrópoles contemporâneas. Ele esboça e nomeia as experiências ontológicas e fenomenológicas (não) fixadas em termos raciais/étnicos de pessoas afro-diaspóricas e exílicas conforme se movem *através do* espaço e do tempo. Isso não é novo, no entanto, já que os estudos caribenhos há muito tempo rastreiam como a migração e a diáspora também produzem diferentes formas de racialização e de outras modalidades de violência³¹. Seguindo esse raciocínio, a decolonialidade, como prática política e vetor de pensamento, sempre esteve presente em pesquisas nos estudos caribenhos, mesmo que a terminologia não estivesse disponível como tal.

Essas intersecções oferecem um solo fértil que pode ajudar a complicar noções de raça, sexo, pertencimento e migração. Mais do que um estudo bem organizado e espartilhado sobre as ligações entre escritoras(es) e pensadoras(es) afro-cubanas(os), afro-porto-riquenhas(os), afro-dominicanas(os) e guiné-equatorianas(os), meu

31 Dois textos me vêm à mente quando penso a respeito da mediação de Fanon sobre o sujeito colonial que viaja à metrópole e volta no livro *Black Skin, White Masks* [Pele negra, Máscaras brancas] e os ensaios e romances da autora jamaicana Michelle Cliff, nos quais acompanha como se deslocar do Caribe para os EUA e Europa altera fundamentalmente as experiências subjetivas dos povos negros. Ver mais em: Michelle Cliff, *No telephone to heaven* (Plume, 1996); Michelle Cliff, “If I Could Write This in Fire I Would Write This in Fire,” *Home Girls: A Black Feminist Anthology* (Rutgers University Press, 1983); Frantz Fanon, *Black skin, white masks* (Grove press, 2008).

projeto pontua algumas das preocupações que emergem nesses textos e os lê contra a tendência da colonialidade e em direção às possibilidades decoloniais. Eu rastreio e chamo a atenção para as estruturas de opressão fortemente interligadas, incluindo violência sexual e relacional, exclusão sociopolítica e econômica, os resquícios assustadores da intervenção colonial e formas de dominação públicas e íntimas. Esse estudo está também profundamente comprometido em ver como escritoras(es), pensadoras(es) e artistas imaginam possibilidades além da violência e do positivismo por meio de relações e abordagens éticas. Ao trazer escritoras(es) afro-hispânicas(os) para o seio de um projeto diaspórico Afro-Latino Caribenho, busco contribuir para e ajudar a reconceituar os campos dos estudos da América Latina, Caribe e África e dos estudos decoloniais. Eu faço isso por meio dos discursos sobre as relações que *atravessam* o Caribe e o pensamento de mulheres de cor. Isso nos permite ouvir e rastrear as insurgentes intervenções criativas de povos hispanófonos afro-atlânticos frequentemente ignorados e oferece formas para pensar sobre as possibilidades radicais de, e as abordagens éticas para, mapear as geografias humanas de luta e resistência³². De posse dessas lentes críticas, leio as produções literárias e culturais que não são geralmente estudadas com suporte em uma perspectiva relacional e afirmo que essa abordagem elucidada como, escondidos nas periferias, esses sujeitos afro-atlânticos desafiam a intimidade da ditadura e da ocupação, engajam-se em uma filosofia de testemunho que rejeita a política colonial de reconhecimento, resistem ao *destierro*, mesmo sendo diaspóricos, re-imaginam reparações para além do positivismo e oferecem meditações sobre as futuridades que imaginam mundos/formatos.

Gestos: intimidades para o *Apocalypso*

Como descrevi anteriormente, meu engajamento *através do* pensamento feminista, decolonial e caribenho de mulheres de cor tem permitido uma expansão das formas pelas quais nós mapeamos as travessias entre a África e o Caribe. Focar na Guiné Equatorial ao lado do Caribe hispanófono considerando suas poéticas diaspóricas tem me oferecido a oportunidade de traçar algumas das éticas compartilhadas e dos imperativos decoloniais. Por exemplo, a preocupação com a ditadura, com a ocupação e com a colonialidade e a necessidade de demarcá-la, nomeá-la, documentar suas ações, subvertê-la e derrubá-la são formas de pressão política premente nas literaturas do Afro-Atlântico. Nesses contextos, as literaturas trabalham para revelar as maquinações do poder ao

32 Ver mais em: McKittrick, Katherine. *Demonic grounds: Black women and the cartographies of struggle*. U of Minnesota Press, 2006.

tornar visível o que é frequentemente perigoso proferir em espaços públicos (e até mesmo em espaços íntimos ou privados). A literatura torna-se a testemunha do insuportável alcance da ditadura e da ocupação ao revelar a normalização da dominação e os absurdos do poder ao expor suas maquinações mais secretas.

Na meditação inicial, “Intimidades”, foco no que chamo de intimidades da colonialidade, que tomam formas de ocupação, de ditadura e de controle corpóreo. Eu me engajo em uma leitura atenciosa de *Song of the Water Saints*, de Nelly Rosário; *La bastarda*, de Trifonia Melibea Obono; *Arde el monte de noche*, de Juan Tomás Ávila Laurel, e acompanho como as intimidades da colonialidade, em geral, e a intimidade da negritude colonial, em particular, tornam-se “sombras” sobre as vidas, sobre os meios de vida e as imaginações de comunidades e de nações inteiras³³. Ao mesmo tempo em que há certa preponderância da violência patrocinada pelo Estado e do que Achille Mbembe chama de “governo privado indireto”, o isolamento resultante possibilitado por tal corrupção permite que a resistência ganhe forma por meio de desejos corporais e de reconfigurações radicais de relacionamentos³⁴. Ao examinar como as intimidades da colonialidade impactam a intimidade, o parentesco e as relações comunais, eu rastreio os modos pelos quais a dominação estrutural molda e impacta práticas íntimas cotidianas, incluindo: acesso à subsistência, sociabilidade e desejo sexual. A chave de entendimento dessas intimidades é ver como os romances divulgam como a ditadura, a ocupação e a colonialidade tornam-se partes íntimas das vidas dos *damnés*³⁵, condenados ao mais baixo nível na colonialidade.

Arde el monte de noche, de Ávila Laurel, nos leva para Annobon, uma das mais remotas ilhas da Guiné Equatorial. Annobon é onde o protagonista sem nome reconta sua infância entre sua família e sua comunidade e, ao fazê-lo, divide as desastrosas consequências de viver muito perto e muito longe da sede do poder. *Song of the Water Saints*, de Rosário, centra as vidas de quatro gerações de mulheres afro-dominicanas da ilha caribenha e da diáspora, na cidade de Nova York. Nesse romance, a ocupação estadunidense da República

33 Eu extrapolo o termo “sombras” nesta frase de um dramaturgo equatoguiniense [nome redigido] que disse que a ditadura era “la sombra que nos acompaña” (“the shadow that accompanies us”) durante nossa entrevista em Malabo em 2014. Ver mais em: FIGUEROA, Yomaira C. *Decolonizing Diasporas*, 2020; Nelly Rosario, *Song of the Water Saints: A Novel*, (Vintage, 2007). Trifonia Melibea Obono, *La bastarda*, (Feminist Press at Cuny, 2018); Juan Tomás Ávila Laurel, *Arde el monte de noche*, (Madrid: Calambur, 2009).

34 MBEMBE, Achille. *On the postcolony*. Univ. of California Press, 2001.

35 Palavra francesa que significa “condenado”, uma alusão ao título da obra *Les Damnés de la Terre* [Os Condenados da Terra], de Frantz Fanon (1961), que trata dos efeitos subjetivos, culturais e políticos da colonização nos países colonizados [N.T.].

Dominicana e depois a ditadura de Rafael Trujillo, apoiada pelo governo estadunidense, são representadas como sombras sempre presentes, como vetores de violências íntimas e como catalisadoras que formam a psique, o parentesco e as práticas eróticas de cada mulher. *La bastarda*, de Obono, é conhecido como o primeiro romance LGBTQ no *corpus* literário guiné-equatoriano. Ao longo da narrativa do protagonista Okomo, Obono elucida como a colonialidade de gênero, incluindo a homofobia, dentro das comunidades Fang, conduz à exclusão familiar e política. Em vez de uma tragédia, Okomo, presa nas matrizes do desejo, da obrigação e da conscrição, por fim, escolhe a liberdade erótica e a vida em comunidade *queer*, nas florestas fora de sua comunidade Fang.

Cada uma dessas obras exige que testemunhemos algo distinto e talvez incomensurável sobre as intimidades da ditadura. Para Ávila Laurel, *Arde el monte de noche* demanda presenciar o alcance do poder, as decisões tomadas de longe que impactam uma comunidade isolada e experienciar como o isolamento político gera doenças, desnutrição e uma forma de violência erótica que deixa uma marca indelével na história social de um lugar e de seu povo. Para Rosário, *Song of The Water Saints* atua como um bálsamo e um feitiço que retrata as liberdades eróticas de mulheres negras vinculadas à ocupação militar dos Estados Unidos e, posteriormente, à ditadura de Raphael Trujillo. As práticas eróticas e a consciência corpórea evocada pelas personagens femininas afro-dominicanas apontam para o surgimento de conexões espirituais libertadoras *através das* gerações. Por fim, *La bastarda*, de Obono, exige que nós reconheçamos as vidas em perigo de mulheres, pessoas *queer* e pessoas em não conformidade com o binarismo de gênero, na Guiné Equatorial, e experienciemos como as liberdades eróticas tornam possível a liberdade corpórea até em espaços limitados por tradições heteropatriarcais, misoginia, homofobia e outras impossibilidades afetivas. Ler esses textos relacionados traz à tona a interconexão dos modos racializados de intimidade e revela como gênero, sexualidade e práticas corpóreas e eróticas de mulheres não são questões privadas, mas, sobretudo, questões sociopolíticas que não escapam às estruturas de poder. As intimidades da colonialidade - nesse caso, ditadura e ocupação - produzem intimidades inquietantes ao mesmo tempo em que a antinegritude se articula por meio de relações íntimas sob o impulso da colonialidade.

Através de cada um desses romances, o erótico torna-se um lugar de possibilidade, mas também uma lente crítica. As narrativas resultantes revelam como a dominação de longe é sentida dentro do domínio do íntimo. Eu argumento que esses textos não somente documentam como as intimidades da ditadura,

da ocupação e da colonialidade ditam como os sujeitos *femmes*³⁶ negras afro-atlânticas vivem e morrem e o que elas consomem, mas também acompanham o desenvolvimento de buscas vorazes pela liberdade corpórea e erótica. Analisar os impactos frequentemente invisíveis que a ditadura/ocupação tem no labor reprodutivo, na insegurança alimentar, nas economias sexuais e na psique ressalta os efeitos insidiosos e intergeracionais da dominação. Mais importante, esses romances centram as subjetividades frequentemente obscurecidas de mulheres negras e *femmes*, mostrando como liberdades eróticas surgem e viajam, em relação à, contra e fora da ditadura, da ocupação e da colonialidade. Para sustentar essa meditação, baseio-me nos trabalhos de feministas de cor, incluindo Audre Lorde, M. Jacqui Alexander e Mayra Santos Febres, e me engajo com o conceito de Nadia Celis Salgado sobre “la consciencia corporal” (“consciência corpórea”) e o conceito de Jessica Marie Johnson de “liberdade feminina negra” como formas de experimentar a liberdade erótica oficializada por mulheres afro-atlânticas, mesmo em meio às formas mais íntimas de dominação estrutural e política³⁷.

Outras estratégias decoloniais, insurgentes e liberadoras emergem *através das* literaturas das diásporas atlânticas afro-hispanófonas. Por exemplo, no capítulo “Apocalypso” (Figueroa, 2020), examino as futuridades que surgem da diáspora hispanófona afro-atlântica ao traçar como o amor decolonial e a resistência são conjurados por meio da imaginação de futuros de mulheres e homens afro-atlânticos. O capítulo faz uso da provocação de Michelle Cliff sobre o *apocalypso* como um ponto de partida para examinar como autoras(es) e artistas afro-atlânticos perturbam tropos da negritude racializada, conjuram mundos apocalípticos e centram Lucumí e outros sincretismos religiosos afro-atlânticos como atos de amor decolonial. Eu argumento que rupturas sangrentas *através da* modernidade e da colonialidade contêm os elementos de construção de novas visões de mundo, ou um mundo/outro, que tem o potencial de reimaginar o ser humano e a humanidade. O capítulo é dividido em duas partes. A primeira examina o álbum homônimo e imagens de vídeo do álbum de estreia das cantoras

36 Femme é um termo emprestado do francês, que na cultura queer/LGBTQIA+ estadunidense faz referência às lésbicas femininas, diferente do termo butch, que faz referência às lésbicas masculinizadas – ou como na nota de tradução de Renato Aguiar para *Problemas de gênero* (Judith BUTLER, 2015), “os termos butch e femme designam os papéis masculinos e femininos eventualmente assumidos nos relacionamentos lésbicos” (p. 66). Butler considera esses termos como discursos especificamente gays da diferença sexual, que seria uma convenção heterossexual em contextos homossexuais. É possível que aqui a autora faça referência apenas a lésbicas, mas preferimos manter o termo usado pela autora (N. do supervisor).

37 SALGADO, Nadia Celis. *La rebelión de las niñas: El Caribe y la “conciencia corporal”*. Madrid, Iberoamericana, 2015; JOHNSON, Jessica Marie. *Wicked Flesh: Black Women, Intimacy, and Freedom in the Atlantic World*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 2020.

francesas afro-cubanas Ibeyi e o romance de Jose Older, *Shadowshaper*. O meu argumento é de que esses dois trabalhos tomam Lucumí, Santería e as práticas rituais relacionadas como centrais para imaginar mundos/outros. Na segunda parte, analiso o conto de Junot Diaz, *Monstro*, e o romance futurista de Tomás Ávila Laurel, *Panga Rilene*, e elucidado como eles conjuram mundos apocalípticos e discursos afrofuturistas. Em vez de imaginar uma liberdade utópica ou futuros distópicos, eles imaginam *apocalypsos* enraizando-se nas rupturas entre modernidade e colonialidade e sendo forjadas pela colisão entre dominação e resistência. Esses mundos/outros são partes e parcelas de uma reparação da imaginação e oferecem perspectivas desde algumas periferias do mundo afro-atlântico.

Horizontes: outros mares e costas

Minha pesquisa emerge de dentro das interseções dos estudos caribenhos, Africana³⁸, latinos, hispânicos e literários. Seus arcos são moldados por imperativos feministas decoloniais e representam, evidentemente, um aspecto da virada decolonial nos estudos caribenhos. *Atravessando* as diásporas hispanófonas afro-atlânticas, eu tenho o objetivo de tornar legíveis e visíveis as vidas e as produções culturais de sujeitos afro-atlânticos muitas vezes negligenciados. A *movida* feminista decolonial, de engajar relações *através da* diferença, compreende as poéticas literárias e as produções culturais como práticas insurgentes que são centrais para acompanhar e reformular nossas noções de decolonialidade e de travessias diaspóricas. Nesse sentido, meu projeto diaspórico foi transformado pelo ato de ser uma fiel testemunha de trabalhos insurgentes de escritoras(es) afro-atlânticas do Caribe Latino e da Guiné Equatorial.

Referências:

- ALEXANDER, M. Jacqui. *Pedagogies of Crossing: Meditations on Feminism, Sexual Politics, Memory, and the Sacred*. Duke University Press, 2005.
- DRABINSKI, John. *Glissant and the Middle Passage: Philosophy*. Beginning, Abyss University of Minnesota Press, 2019.
- FELDMAN, Keith P. On Relationality, On Blackness: A Listening Post. *Comparative Literature*, n. 68, v. 2, 2016.
- FIGUEROA-VÁSQUEZ, Yomaria. *Decolonizing Diasporas: Radical Mappings of Afro-Atlantic Literature*. Evanston, Northwestern University Press, 2020.

38 “Africana”, aqui, diz respeito ao Africana Studies, uma área interdisciplinar de estudos da diáspora africana e do continente africano [N.T.].

- GLISSANT, Édouard. *Poetics of relation*. Michigan, University of Michigan Press, 1997.
- JOHNSON, Jessica Marie. *Wicked Flesh: Black Women, Intimacy, and Freedom in the Atlantic World*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 2020.
- LUGONES, María. *Pilgrimages/peregrinajes: Theorizing coalition against multiple oppressions*. Lanham, Maryland, Rowman & Littlefield Publishers, 2003.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. The Decolonial Turn (Translated by Robert Cavooris). In: *New Approaches to Latin American Studies*. Routledge, 2017, pp. 127-143.
- . Epistemology, ethics, and the time/space of decolonization: Perspectives from the Caribbean and the Latina/o Americas. In: Isasi-Díaz, Ada Maria, and Mendieta, Eduardo. *Decolonizing Epistemologies*. Fordham Scholarship Online, 2012.
- MBEMBE, Achille. *On the postcolony*. California, Univ. of California Press, 2001.
- MEHTA, Brinda J. *Diasporic (dis)locations: Indo-Caribbean women writers negotiate the Kala Pani*. Mona, Santo André, University of West Indies Press, 2004.
- MÉNDEZ, Xhercis and FIGUEROA, Yomaira. Not Your Papa's Wynter: Women of Color Contributions toward Decolonial Futures. In: *Beyond the Doctrine of Man: Decolonial Visions of the Human*, edited by Joseph Drexler-Dreis and Kristien Justaert. New York, Fordham University Press, 2019.
- MIGNOLO, Walter D. *Local histories/global designs: Coloniality, subaltern knowledges, and border thinking*. Princeton, Princeton University Press, 2012.
- NDLOVU-GATSHENI, Sabelo, J. *Coloniality of power in postcolonial Africa*. African Books Collective, 2013.
- PEREZ, Laura E. Enrique Dussel's *Ética de la liberación*, US Women of Color Decolonizing Practices, and Coalitionary Politics amidst Difference. *Qui Parle, Critical Humanities and Social Sciences*, v. 18, n. 2, 2010, p. 123.
- SALGADO, Nadia Celis. *La rebelión de las niñas: El Caribe y la "conciencia corporal"*. Madrid, Iberoamericana, 2015.
- WYNTER, Sylvia. "The "The Ceremony Must Be Found: After Humanism." *Boundary*, v. 2, n. 12/13, 1984, p. 45.

Recebido em: 02/12/2020

Aprovado em: 21/12/2020

Como citar este artigo:

FIGUEROA-VÁSQUEZ, Yomaira C. Diásporas Descolonizantes e Relações Afro-Atlânticas: O Caso para Estudos Caribenhos Afro-Latinx & da Guiné Equatorial. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 10, n. 3, set.- dez. 2020, pp. 949-967.